

zilda fraletti

galeria de arte

Depois da Tempestade

CLEVERSON OLIVEIRA



O problema principal da minha pintura é a luz.

Gerard Richter

Durante sua jornada por vales, encostas, desertos e planícies atravessando as Américas, o artista-viajante Cleverton Oliveira interrompia sua caminhada em alguns momentos e empilhava pedras. Das maiores às menores, o gesto remonta a tradições pré-históricas, quando um local era marcado como túmulo de alguém que inspirasse compaixão, assim como a construção de altares onde seriam oferecidos sacrifícios. Sobrepor pedras umas às outras traz a intencionalidade primeva de se modificar a natureza, de demarcar um ponto de passagem físico ou espiritual criando sobre um território natural uma paisagem modificada.

O trajeto feito por Cleverton, adentrando o Norte do México pelo Texas, numa região desértica e sagrada chamada pelos nativos huichóis de Wirikuta (donde nació el sol y se originó el mundo), e caminhando pela Cordilheira dos Andes na fronteira entre o Chile e a Argentina até as planícies de Uruguaiana, no Sul do Brasil, oferecia uma sequência infundável de paisagens, capturadas por dois aparelhos: seus olhos e uma câmera fotográfica, a mesma que usava para registrar cenas e paisagens de Nova York.

O nosso olhar, enquanto aparelho óptico, está treinado em procurar formas similares a outras que já tenham sido vistas quando estamos diante de experiências concretas, físicas, espaciais. O repertório de imagens acumuladas pelo artista, conectadas a alguma estrutura de reprodução, seja do cinema, da fotografia, da pintura, dos cartoons, das revistas, evidenciam a distância que temos ao estar na presença física de um objeto ou espaço e a imagem que pode ser capturada por algum desses aparelhos ou por suas formas de representação. As suas instalações intituladas Debris agem no nosso nervo óptico, nos colocam diante desse campo ambíguo da experiência e da representação. As imagens que o espectador pode criar estando na frente das suas estruturas são múltiplas. As explosões feitas por fitas adesivas colocadas em três planos, incluindo o chão – com cruzamentos complexos e caóticos das perspectivas – permitem enxergar não somente uma imagem, mas a interface de uma imagem, permitem que a gente veja a “[...] superfície situada entre duas porções de matéria ou espaço e formando seu limite comum.” (Oxford Dictionarie). Com as suas instalações vemos o aparelho operando, ou aquilo que Vilém Flusser denominava de pré-aparelho: interrupção feita nos botões e alavancas, interceptação nos programas dos gadgets, assumindo uma posição de liberdade sobre os resultados

dos próprios aparelhos, modificando e o revelando pela modificação, seja fotografia, cinema, etc. Revelando o seu interior, para além da superfície.

Os trabalhos de Cleverton Oliveira operam assim distantes de qualquer hiper-realismo. Ao invés de apenas reforçar os aspectos de ilusão de uma imagem, aquilo que engana a visão, como uma pintura que se parece com uma foto, ele acrescenta algumas camadas de informações que se ocultam à primeira vista, como se empilhasse pedras que revelam a condição geográfica e humana do nosso olhar. Habitados que estamos a ver imagens processadas por aparelhos, qualquer imagem que simule minimamente as suas estruturas de reprodução irão se parecer com elas, irão enganar os nossos olhos, sendo arremessados, como afirma Jacques Derrida, no reino dos fantasmas.

Cleverton, na sua série Além da superfície, permite que vejamos esses fantasmas com nitidez, acrescentando informações através de camadas e formas contrastantes. Certamente, a mais evidente dessas informações é o anteparo invisível, com gotas que se acumulam na sua face, simulacro de vidro que parece se armar diante de uma paisagem e que nos colocaria no interior de alguma estrutura por uma janela, da casa, carro, caverna. O artista cria suas gotas com marcadores permanentes, sobre esse fundo de paisagem feito com técnicas de borrar e mascarar com pó de grafite. Ambas só são reconhecíveis no nível de realismo por conta do nosso cérebro estar carregado de uma interpretação padrão. Mas a representação lógica de uma gota sobre um vidro deveria indicar a luz solar incidindo de cima para baixo, iluminando então a parte superior e escurecendo a parte inferior. O artista inverte esse padrão, escurecendo as partes superiores das suas gotas. Isso sustenta um efeito que afronta a física das retinas e o que supostamente estaríamos vendo como parte do realismo das sombras ao fundo gera um estranhamento que revela a si mesmo como desenho, como uma ficção.

Estamos imersos em coisas que nos remetem umas às outras, como memórias e referências, mas nenhuma ou quase nenhuma delas revela a própria estrutura que permite que se conectem. A pedra poética, angular, do trabalho de Cleverton, é permitir que sejamos iludidos e ao mesmo tempo desvendar as estruturas dessa ilusão. Ele nos permite perceber o fio de Ariadne que nos conecta ao ilusionismo das imagens. Derrida, em seu livro Gramatologia, comenta sobre o problema que se tornou a representação no mundo contemporâneo: “Há coisas, águas e imagens, uma remessa infinita de uns aos outros, mas sem nascente. Não há mais uma origem simples.”

Se o deserto é um lugar inóspito à vida, a imagem é um lugar inóspito à presença. Quando Gerard Richter pinta através de fotos ele não fabrica uma outra imagem, semelhante, mas sim torna possível uma presença. Para isso ele procura fazer do quadro um todo, em que não haja nenhuma parte que seja mais importante do que a outra, dissolvendo delimitações e retirando as certezas da retina através do gesto sutil de borrar a tinta

fresca com um pincel seco. Como Richter nos diz, “Eu borro para que todas as partes se interpenetrem”. Suas imagens então surgem embaçadas, revelando a linguagem como um anteparo inevitável na construção do nosso olhar. Isso fica evidente nas suas obras mais recentes, feitas de lâminas de vidros empilhados ou em sequência, como em 3 Scheiben (3 Painéis de Vidro, 2023).

Ao invés de se utilizar de um Atlas, caso do gigantesco arquivo de imagens colecionado por Richter, os trabalhos de Oliveira partem de um imaginário pessoal, mas também coletivo e abstrato sobre o que é uma imagem ou o que é uma paisagem. Ambos artistas empilham sentidos sobre a imagem, retirando toda ingenuidade que carregaria uma pintura hiper-realista, por exemplo, que buscaria apenas nos convencer sobre uma habilidade técnica de reprodução. Ao se voltar para a produção de uma pintura supostamente hiper-realista para abordar a realidade, são artistas que se aproximam muito mais de Mark Rothko do que de Ian Hornak, por exemplo, pioneiro do hiper-realismo. As sensações e pulsões da natureza, em Rothko, não estão apenas nas suas sobreposições em meia-fusão de campos de cor, mas na capacidade de evocar a ambiguidade entre uma experiência individual – provocando uma resposta emocional e subjetiva – e a concepção de um anteparo como meio de observação para algo além da sua própria superfície – através de ferramentas coletivas e anônimas.

Em 1991, o artista Richard Artschwager se apropriou de uma fotografia do New York Times, que retratava um tanque M-1 na beira de uma estrada, e a usou como base para o seu trabalho Tank (1991). Ampliando a escala factual ou documental da imagem jornalística para uma obra monumental de três metros de comprimento, envolta em texturas cinzentas, o artista retirava o seu caráter informativo, cavando um abismo emocional para o espectador: seria essa a representação de um aliado ou inimigo? Nesse sentido, para Artschwager, a paisagem marcada por uma abstração de qualquer intencionalidade humana fornece um filtro emocional, um espaço no qual o espectador pode projetar os seus aspectos mais subjetivos, o deserto da sua própria consciência.

Diante dos trabalhos de Oliveira, depois que reconhecemos uma suposta paisagem posterior a uma chuva ou tempestade, sem distinguir com precisão se o cenário é um brejo, um semi-árido, o abissal do oceano ou algum futuro distópico, podemos inferir memórias, experiências, vivências particulares trazidas do deserto do eu para a superfície da experiência. Com a inserção recente de campos de cor na sua série Além da superfície, Cleverson acrescenta uma outra informação valiosa: a temperatura, ampliando a força cinematográfica da sua imagem. Tempestades sobre um território que coagulam desertos em outros.

Arthur L. do Carmo
Out., 2023





Cleverton Oliveira, 2023

Sem título da Série "Além da Superfície"

Grafite, lápis aquarelado e marcador permanente sobre tela

100X130cm

Preço sob consulta



Cleverton Oliveira, 2023

Sem título da Série "Além da Superfície"

Pó de grafite, lápis aquarelado e marcador permanente sobre tela
150X150cm

Preço sob consulta



Cleverson Oliveira, 2023

Sem título da Série "Além da Superfície"

Pó de grafite, lápis e marcador permanente sobre tela

150X150cm

Preço sob consulta



Cleverton Oliveira, 2022

Sem título da Série “Além da Superfície”

Pó de grafite, lápis e marcador permanente sobre tela
95X155cm

Preço sob consulta



Cleverton Oliveira, 2022

Sem título da Série "Além da Superfície"

Pó de grafite, lápis aquarelado e marcador permanente sobre tela

103X103cm

Preço sob consulta



Cleverton Oliveira, 2019

Sem título da Série “Além da Superfície”

Pó de grafite, lápis aquarelado e marcador permanente sobre tela
60X50cm

Preço sob consulta



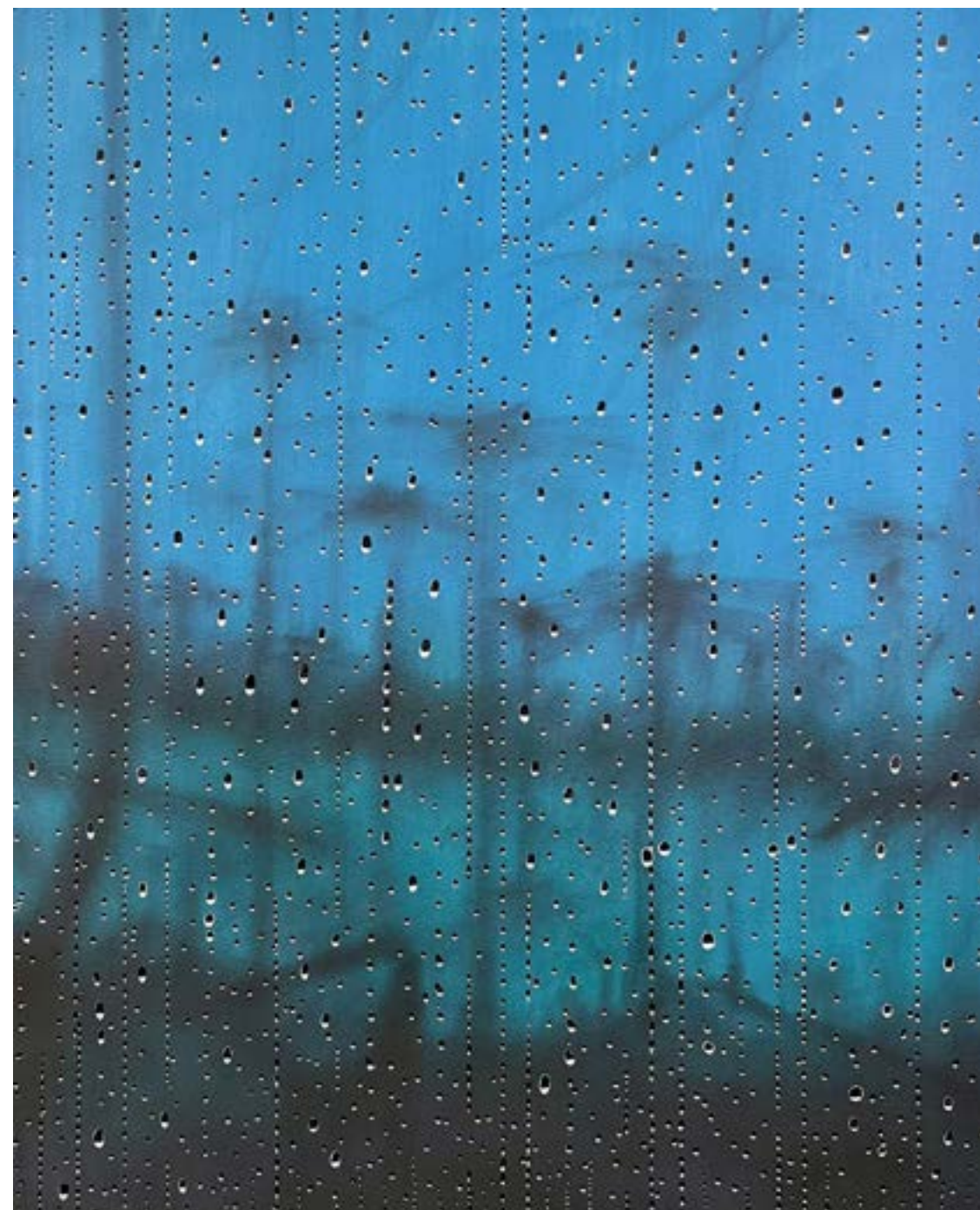
Cleverton Oliveira, 2023

Sem título da Série “Além da Superfície”

Pó de grafite, lápis aquarelado e marcador permanente sobre tela

92X74cm

Preço sob consulta



Cleverton Oliveira, 2023

Sem título da Série "Além da Superfície"

Pó de grafite, lápis aquarelado e marcador permanente sobre tela

92X74cm

Preço sob consulta



Cleverton Oliveira, 2023

Sem título da Série "Além da Superfície"

Grafite, lápis aquarelado e marcador permanente sobre tela

55X55cm

Preço sob consulta



Cleverson Oliveira, 2023

Sem título da Série “Além da Superfície”

Grafite, lápis aquarelado e marcador permanente sobre tela

140x90cm

Preço sob consulta



Cleverton Oliveira, 2023

Sem título da Série “Além da Superfície”

Grafite, lápis aquarelado e marcador permanente sobre tela

94x74cm

Preço sob consulta



Cleverson Oliveira, 2023

Sem título da Série “Além da Superfície”

Grafite, lápis aquarelado e marcador permanente sobre tela

117X153cm

Preço sob consulta



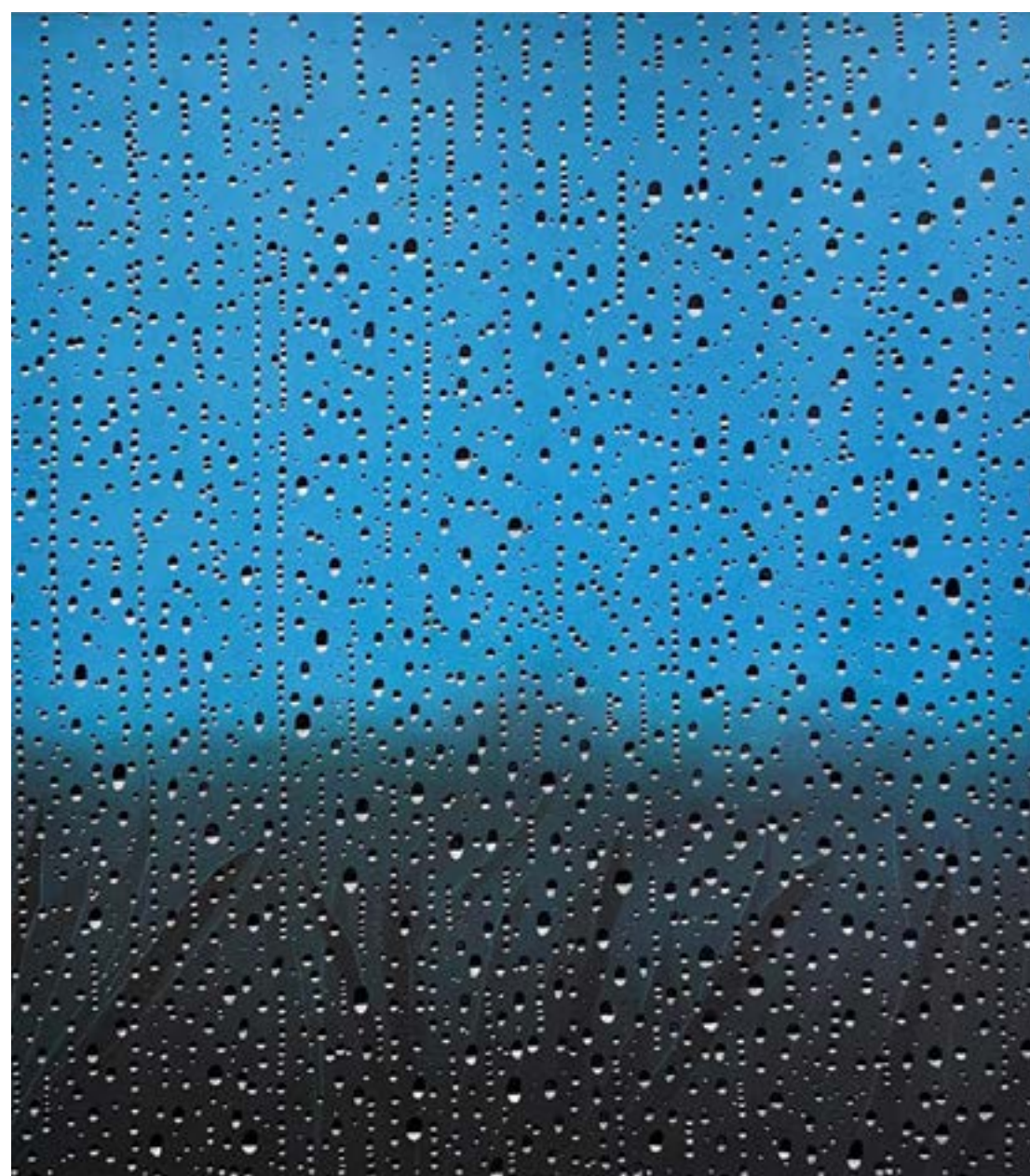
Cleverton Oliveira, 2023

Sem título da Série “Além da Superfície”

Grafite, lápis aquarelado e marcador permanente sobre tela

110X105cm

Preço sob consulta



Cleverson Oliveira, 2023

Sem título da Série “Além da Superfície”

Grafite, lápis aquarelado e marcador permanente sobre tela

83X73cm

Preço sob consulta



Cleverson Oliveira, 2023

Sem título da Série “Além da Superfície”

Grafite, lápis aquarelado e marcador permanente sobre tela

120X120cm

Preço sob consulta



Cleverson Oliveira, 2022

Sem título da Série “Além da Superfície”

Grafite sobre papel e caixa de acrílico

31X41cm

Preço sob consulta



Cleverton Oliveira, 2022

Sem título da Série “Além da Superfície”

Grafite sobre papel e caixa de acrílico

31X41cm

Preço sob consulta

Cleverson Oliveira

atua em campos multidisciplinares usando uma linguagem visual que explora os limites da imagem, permeando a experiência do cinema ao desenho.

Da produção mais recente, destacam-se os trabalhos de desenho em papel e tela. Usando a simplicidade de materiais como pó de grafite, lápis e marcador permanente, o artista cria um processo de construção de imagem singular.

Desmistificando a aparente condição natural da paisagem, as obras constroem um espaço imaginário onde o artifício da representação torna-se o campo visual após uma desfiguração completa da representação. As paisagens parecem ser definidas ante nós como uma inevitabilidade da natureza. Construídas por séculos como o equivalente da natureza, paisagens assumem a representação mais perfeita do mundo.

Cleverson Oliveira nasceu em Curitiba em 1972, formou-se na Escola de Musica e Belas Artes do Paraná em 1994. Em 1996 estudou História da Arte na New York University, em Nova York, onde viveu de 1996 até 2008. Vive e trabalha em Piraquara, Brasil. Participou de exposições em diversos locais, incluindo Nova York, Curitiba, São Paulo, Rio de Janeiro, Seul e Doha.





zilda fraletti

galeria de arte

Atuando em Curitiba desde 1984 como a primeira galeria dedicada à arte contemporânea, a Galeria Zilda Fraletti fomenta o cenário artístico local e nacional impulsionando a trajetória de artistas já consagrados e divulgando novos talentos. Além de promover exposições regulares e participar de feiras com artistas nacionais e internacionais, também realiza cursos, lançamento de livros, palestras, workshops e demais eventos para gerar um debate intelectual abrangente e produtivo e incentivar o colecionismo. Em completo comprometimento com seus artistas, a galeria acompanha de perto sua produção e trabalha diretamente para o pleno desenvolvimento de suas carreiras.

Operating as the first gallery of contemporary art in Curitiba since 1984, the Galeria Zilda Fraletti has fomented the local and national artistic scenario, boosting the trajectory of established artists and instigating new talents. In the beginning, the organization of art consortia met the need for democratizing the acquisition of works of art and instigated the creation of collections, as well as a public of contemporary art lovers. Currently, besides holding regular exhibitions and participating in national and international fairs, it holds courses, book launches, lectures, workshops and other events to encourage a comprehensive and productive debate. Strongly committed to its artists, the gallery carefully assesses their production and directly works for the full development of their careers.

+55 (41) 99164 2882

@galeriazildaafraletti

www.galeriazildaafraletti.com.br